Dale Moody - O Propósito do Amor de Deus

- Imprimir

Categoria: Dale Moody
Publicado: Sexta, 25 Julho 2014 21:42
Acessos: 1642

28 E sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. 29 Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos; 30 e aos que predestinou, a estes também chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou.

A ordem das palavras, no texto grego, é "daqueles que amam a Deus" precedida de "sabemos", e isto é de primordial importância para a interpretação. Murray chamou corretamente isto de "posição da ênfase". Muitos dos comentários depreciam a ênfase no amor do homem por Deus, mas essa maneira de pensar é tendenciosa. É claro que Deus amou o homem antes de o homem amar a Deus, mas Deus opera o seu propósito apenas naqueles que reagem de maneira positiva ao seu amor. Deus derrama o seu amor nos corações daqueles que reagem com fé (5:5).

O eco de Isaías 64:4 afirma que o homem natural é incapaz de conceber "as (coisas) que Deus preparou para os que o amam" (I Cor. 2:9). Deus conhece os que o amam (I Cor. 8:3), e a pessoa é condenada se "não ama ao Senhor" (I Cor. 16:22). Dificilmente pode-se menoscabar algo em uma bênção como esta: "A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo com amor incorruptível" (Ef. 6:24). Todavia, isto é impossível independentemente do amor de Deus manifestado em Cristo (cf. Deut. 6:4).

Sabemos expressa convicção segura, não apenas de Paulo, mas de toda a Igreja. O estado do texto grego, por detrás das palavras **todas as coisas concorrem para o bem**, tem dado azo para três interpretações diferentes. A versão antiga da IBB diz "todas as coisas contribuem juntamente para o bem". Esta é uma possível tradução do grego. Porém, ela é difícil de se harmonizar com a ênfase de Paulo da iniciativa e soberania de Deus. As coisas simplesmente não contribuem desta forma, como tão otimistamente presumia o panteísmo estóico. Este versículo é de um monoteísmo radical, em que Deus está encarregado das coisas! A tradução inglesa New English Bible (NEB) revive o que Bruce chama de "uma antiga e atraente interpretação, que em geral tem merecido pouca atenção dos tradutores e comentaristas, de acordo com a qual o sujeito de 'concorrem' é o sujeito do versículo anterior – o Espírito". A ideia do Espírito cooperando com os que amam a Deus é certamente verdadeira, mas é duvidoso que ela chegue perto do significado original, tanto quanto a versão inglesa Revised Standard Version (RSV), na qual se baseia o original inglês deste comentário. A RSV diz: "Sabemos que em todas as coisas Deus opera para o bem dos que o amam" (v. 28a).

Deus trabalha com os que o amam em direção do alvo do bem. Murray insiste que isto é tudo "monergismo divino", mas o verbo grego é **sunergei**, do qual provém a ideia de um sinergismo entre a vontade de Deus e a vontade do homem. A tradição agostiniana-calvinista introduz as suas ideias, mesmo que seja para rejeitar a própria palavra do texto! Monergismo não é melhor do que panteísmo, pois ambos destroem a distinção entre Deus e a sua criação. Os que são **chamados segundo o seu propósito** são os mesmos **que amam a Deus**, e há uma correspondência humana ao chamado divino, da mesma forma como há uma reação humana ao amor de Deus. Sem esta reação, o propósito de Deus não se cumpre no homem, e o homem perece. Aqueles que foram chamados para pertencer a Jesus Cristo e "chamados para serem santos" (1:7) são chamados por Deus (9:11). O chamado ou vocação é a realização do propósito eterno de Deus na história (cf. Ef. 1:11; 3:11; II Tim. 1:9). O propósito de Deus é a vontade de Deus, e é a vontade de Deus que o Espírito de Deus procura realizar no homem (cf. 8:27).

À medida que o pensamento se volta do propósito de Deus em toda a criação (todas as coisas) para o propósito de Deus no crente, há também uma mudança de direção do amor do homem para com Deus para o amor de Deus para com o homem (v. 29). Algumas pessoas têm pensado que está presente, neste versículo, uma fórmula batismal em forma de hino. Isto pode ser verdade, mas a forma não é a mesma do versículo seguinte. A forma é bastante semelhante à do versículo anterior. A predestinação ou conhecimento prévio, a primeira das quatro grandes ideias do verso 29, significa que Deus amou o homem antes que o homem amasse a Deus (cf. I João 4:19). Da mesma forma como um pai conhece e ama o seu filho antes que este chegue a conhecê-lo e amá-lo, Deus age para com os seus filhos. Muitas pessoas ainda seguem a ideia de Orígenes, de que Deus predestinou com base no seu conhecimento dos acontecimentos antes que ocorram, mas tal racionalismo perde de vista toda a ideia de amor.

Conhecer e amar muitas vezes tem o mesmo significado nas Escrituras (cf. I Cor. 8:3; I João 4:7, 8). Conhecer é frequentemente um termo usado para as relações sexuais íntimas (Gên. 4:17; Núm. 31:18; Luc. 1:34, IBB antiga), e é um passo fácil para o amor baseado na aliança entre Deus e seu povo (Gên. 18:19; Am. 3:2; Os. 13:5;

Jer. 1:5; Mat. 7:23). A premonição de Deus a respeito do homem antes que este conheça a Deus não torna a predestinação inevitável, como geralmente presume a tradição agostiniana-calvinista. É estranho como se dá pouca atenção às claras palavras de advertência escritas por Paulo: "Outrora, quando não conhecíeis a Deus, servíeis aos que por natureza não são deuses; agora, porém, que já conheceis a Deus, ou melhor, sendo conhecidos por Deus, como tomais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?" (Gál. 4:8, 9). Mais tarde, este pensamento será harmonizado com a aparente exceção de 11:2.

O problema da predestinação nunca pode ser resolvido, se se presumir que, sem exceção, os que são conhecidos por Deus estão predestinados para a glória. O monergismo sempre termina em predestinação dupla ou no universalismo. Se Deus faz tudo, ele é responsável por tudo o que acontece; mas, se o homem é responsável pela reação que tem, então o resultado da parte do homem é condicional. A predestinação condicional significa que o verdadeiro destino do homem é alcançado apenas onde há fé o tempo todo, até que se alcance o alvo. Salvação é um caminhar, e não um salto, em que Deus sustém o homem pelos cabelos! É uma comunhão, e não fatalismo. O destino dos que permanecem em Cristo é o destino de Cristo. Ele é o predestinado, e o crente é predestinado nele (cf. At. 2:23; 4:28). As claras palavras de Paulo, aqui, devem ser colocadas no contexto da graça, mas não devem ser separadas da fé.

Deus "nos predestinou para sermos filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para o louvor da glória da sua graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado" (Ef. 1:5, 6). O homem não está em dificuldades porque é número seis, nem vai para o céu porque é número sete (jogo de palavras em inglês). Ele estará em dificuldades se não reagir de maneira positiva e permanente à graça de Deus, e irá para o céu se crê e continuar a crer em Jesus Cristo. Da mesma forma como alguém chega a Curitiba porque embarcou em um avião destinado a Curitiba, uma pessoa também chega à glória porque permanece em Cristo, que foi predestinado à glória. Predestinação significa que sabemos para onde estamos indo, antes de chegarmos lá. Predestinação será o tema dos capítulos 9 a 11.

Paulo não cai na incongruência dos fariseus, como sugere Knox, pois dificilmente ele usaria o termo destino. Os fariseus ensinavam que tudo depende do destino e de Deus; não obstante, a escolha do certo ou errado, em sua maior parte, cabe ao indivíduo (Josefo, **Guerras**, II.8.14). Bruce chama a atenção para uma opinião semelhante na **Regra da Comunidade** (**Rule of the Community**) de Qumran: "Do Deus do Conhecimento vem tudo o que é e que será. Mesmo antes que eles existissem ele estabeleceu todo o seu destino, e quando, como era ordenado para eles, vieram a existir, é de acordo com o Seu glorioso desígnio que cumprem a sua obra."

Ser **conformes à imagem de seu Filho** combina duas palavras gregas, que têm significado afim. Ambas estão associadas com a morte e ressurreição de Cristo. Paulo sentia dores de parto pelos vacilantes gálatas, até que Cristo "fosse formado" neles (Gál. 4:19). O corpo redimido se conformará com o corpo glorioso do Senhor ressuscitado, que voltará (Fil. 3:21). O padrão de conformação ou de semelhança é a humilhação e exaltação de Cristo (Fil. 2:1-11). Conformidade com Cristo, na sua morte e ressurreição, é usada, portanto, como fonte de consolo no meio do sofrimento (Fil. 3:10, IBB antiga).

A palavra **imagem** é também uma ideia escatológica. "E, assim como trouxemos a imagem do terreno, traremos também a imagem do celestial" (I Cor. 15:49). Esta e todas as outras passagens a respeito da imagem de Deus estão arraigadas em Gênesis 1:26, 27, indicando que o homem não se conforma plenamente com a imagem de Deus antes da ressurreição. Todos os homens têm a imagem de Deus na criação, o que lhes dá domínio sobre tudo o que Deus criou, mas o homem redimido ainda não ostenta plenamente a dinâmica imagem de Deus em amor. A imagem formal nunca é perdida, e a imagem material está sendo recebida no processo da transformação. "Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor" (II Cor. 3:18; cf. Col. 3:10). A expressão "transformados... na mesma imagem" é literalmente "metamorfoseados na mesma imagem", que é um comentário tanto da palavra "forma" como da palavra "imagem". Cristo é "a imagem de Deus" (II Cor. 4:4), e conformar-se com Cristo é ser transformado na imagem de Deus.

A ideia do **primogênito** também está relacionada com a ideia de imagem. Cristo "é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação" (Col. 1:15). O uso de primogênito no verso 29 é mais próximo do uso de Colossenses 1:18, onde Cristo é chamado de "o princípio, o primogênito dentre os mortos". Primogênito tem em si a ideia de prioridade e proeminência. Colossenses 1:15-20 (**Bíblia de Jerusalém**) é um hino cristão, e as palavras gregas traduzidas como "primogênito" e "preeminência" formam um jogo de sons. O primogênito é o filho proeminente, que recebe a herança e a autoridade do Pai (cf. Heb. 1:6; Apoc. 1:5). O antigo arianismo usava esta palavra para argumentar que "houve um tempo em que o Filho de Deus não existia", mas isto foi corretamente condenado como heresia. Lightfoot há muito tempo já estabeleceu a ideia de proeminência ou primazia como significado desse termo.**[1]** Como **irmãos** de Cristo, todos os crentes compartilharão do seu destino (cf. Heb. 2:10-17), e Cristo é o Filho proeminente entre os filhos de Deus (cf. 1:3).

A realização histórica do propósito eterno de Deus é expressa nos quatro tempos aoristos (v. 30), visto que o ponto de vista é do eterno propósito de Deus, que alcançava o passado. A forma literária é a de **sorites**, uma série

“em que o predicado lógico de uma cláusula se torna o sujeito lógico da seguinte” (Bruce). A sugestão de um hino, feita por Schille, é mais clara aqui do que para o versículo anterior:

E aos que predestinou,
a estes também chamou;
e aos que chamou,
a estes também justificou;
e aos que justificou,
a estes também glorificou.

A predestinação é repetida do versículo anterior, mas chamado, justificação e glorificação são acrescentados. O chamado, que pertence especialmente ao começo da vida cristã, já foi notado (1:1, 6, 7; 8:28), e surgirá novamente em relação à predestinação (11:29; cf. 1 Tess. 4:7; I Cor. 7:18; Gál. 1:6; Col. 3:15). Justificação, o tema dos capítulos 1 a 4, descreve todo o estado da vida atual de fé. Glorificação tem referência futura ao tempo quando os santos de Deus, que como pecadores ficaram aquém, participarão da glória manifestada em Jesus Cristo (3:23; 5:2; 8:18; cf. Col. 3:4). Graus de glória já estão raiando (II Cor. 3:18).

Fonte: *Comentário Bíblico Broadman*, Vol. 10, pp. 259-262

---

[1] **St. Paul’s Epistles to the Colossians and Philemon** (London: Macmillan, 1875), p. 146-150 a respeito de Colossenses 1:15.